

**EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:  
A QUESTÃO DO LIVRO DIDÁTICO**

Yvie Cristina Favero de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho trata da educação para as relações étnico-raciais, na escola, especialmente no que se refere à negritude e a presença negra no livro didático. Trata-se de pesquisa bibliográfica, quanto à pertinência do material didático utilizado em escola rural e multiétnica. A invisibilidade do negro no processo político pedagógico no Brasil é uma prática recorrente que, desde o Brasil Colônia, não tem medido esforços para negar aos afros brasileiros seus direitos de cidadania e torná-los invisíveis nos mais diversos aspectos da vida social política e histórica do Brasil, e no campo das relações internacionais. A organização da escola é resultante de uma construção social, na qual as contradições se manifestam através do sujeito que, cotidianamente, nela se inter-relaciona, em que a construção das identidades étnico-raciais se dá a partir do olhar do outro, das regras sociais, da linguagem, da cultura e das normas que apontarão as perspectivas para as relações étnico-raciais. Neste trabalho pretendemos contribuir para análise sobre o tipo de educação que temos e que praticamos, especialmente no que se refere aos afrodescendentes. Na prática pode-se criar um olhar diferente sobre o educando afro e não afro no que se refere às relações culturais e históricas de cada etnia. Escolhemos esse tema, mesmo catorze anos após a promulgação da Lei Federal nº 10639/03, em função dos debates que têm surgido sobre esta e a dificuldade em sua implementação, muito embora haja vasto material didático para este fim. Assim, acreditamos que tal estudo possa colaborar com a implementação efetiva da legislação e, quiçá, contribuir para a construção de agentes facilitadores para a melhoria do processo educacional que invariavelmente é excludente e discriminatório.

**Palavras-chave:** Educação para as relações étnico-raciais. Material didático. Visibilidade. Negritude. Lei 10639/03

## **INTRODUÇÃO**

A invisibilidade do negro (pretos, pardos, morenos, mestiços, mulatos e outras variantes) no processo político pedagógico no Brasil é prática recorrente das elites brasileiras que, desde o Brasil Colônia, não mede esforços para negar aos afros brasileiros seus direitos de cidadania torná-los invisíveis dentro dos mais diversos aspectos da vida social política e histórica do Brasil e no campo das relações internacionais.

Mesmo com o fim da escravidão, os negros e afro-brasileiros, agora mão de obra barata e sobressalente, continuaram a sofrer reflexos efetivos desse processo, como hoje sofrem com o desemprego, com o preconceito e ainda tem que ver nas estruturas sociais, as

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educación Superior em la Universidad Nacional de Rosario (UNR), Argentina. É pesquisadora associada do NEAB/UDESC. E-mail: yviefavero@gmail.com

tentativas de escondê-lo ou embranquecê-los. Esta situação não é diferente dentro da educação brasileira em que sofrem diversos tipos de discriminação percebida até mesmo a partir do tipo de material didático apresentado pelo sistema educacional.

A organização escolar é marcada pela complexidade das relações entre os diferentes sujeitos e grupos sociais que a constituem, assim é instituição resultante de uma construção social, repleta de contradições que se manifestam através dos sujeitos que nela se inter-relacionam. Nela a construção das identidades se dá a partir do olhar do outro, das regras sociais, da linguagem, da cultura e das normas que apontarão as perspectivas para as relações étnico-raciais.

Mesmo catorze anos após a promulgação da Lei Federal nº 10639/03 este tema é importante em função dos debates que têm surgido sobre esta e a dificuldade em sua implementação, muito embora haja vasto material didático para este fim. Cremos que tal estudo possa colaborar com a implementação efetiva da legislação e, quiçá, contribuir para a construção de agentes facilitadores para a melhoria do processo educacional que invariavelmente é excludente e discriminatório.

A escola ainda obedece à colonialidade, seguindo o modelo europeu que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da conquista, assim a escola adota um discurso que reproduz no lócus do colonizador, que destrói o imaginário do outro, nos invisibiliza e subalterniza, enquanto reafirma o próprio imaginário, desta maneira a colonialidade reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos e ocorre a naturalização do imaginário do invasor europeu, a subalternização epistêmica do outro não-europeu e a própria negação e o esquecimento de processos históricos não-europeus. Portanto, a escola está sob a égide de um poder colonizado.

Neste artigo analisamos como se dá a discriminação racial na escola a partir do recorte da invisibilidade do negro nos espaços de aprendizagem, especialmente no que se refere ao material didático utilizado. Verificamos a forma como a escola apresenta as questões de raça em seus currículos por meio dos livros didáticos que adotam. Especificamente, objetivamos investigar como os livros didáticos abordam a questão étnica racial, no ambiente escolar, e as formas de invisibilidade do negro no livro didático.

## **METODOLOGIA**

Recorremos à pesquisa bibliográfica, em que nos pautamos para a escrita das primeiras palavras, bebendo na fonte de autores com expertise no tema que pudessem nos oferecer embasamento teórico e argumentos suficientes para o desenvolvimento de nossos escritos. Neste sentido, nos foram caras as ideias de ABRAMOVAY (2002), Miriam; ALVES (2002), Nilda; CAVALLEIRON (2005), GOMES (2002), HENRIQUES (2002), LOPES (2006), MUNANGA (2005), SANTOS (2011) e SOUZA (2006).

Numa segunda etapa, analisamos materiais e livros didáticos utilizados em escola pública rural do município de Santos<sup>23</sup>, litoral de São Paulo. Tal análise foi feita com vistas a possibilitar evidenciar as contradições que os educadores encontram sobre a temática proposta.

Além dos aspectos qualitativos, usa-se a riqueza do material didático adotado visando explorar a temática no ano letivo. Isso para evidenciar a versão que os agentes pedagógicos encontram sobre o problema da invisibilidade no livro didático, em comunidade notoriamente marcada pela presença dos afrodescendentes.

Analisamos como se dá a discriminação racial, na escola, a partir do recorte da invisibilidade do negro nos espaços de aprendizagem, especialmente no que se refere ao material didático utilizado. Neste sentido, no decorrer de nosso trabalho, nos perguntamos se existe debate anual na escola para a escolha dos livros didáticos, ou se estes refletem a pluralidade étnica e cultural onde a escola está inserida.

Creemos que o trabalho possa contribuir para professores e demais profissionais da área da educação, pois analisa sobre que tipo de educação se têm, que práticas e como é desenvolvida no âmbito educacional. Na prática, pode-se criar um olhar sobre os educandos afros e não afros nas relações culturais e históricas de cada etnia.

Dividimos nosso trabalho em atos em que introduzimos o assunto, partimos para a tratativa das questões de negritude, cotidiano, histórias, discriminações e identidade étnica. A seguir, aprofundaremos nossas reflexões em relação ao negro nos livros e em materiais didáticos. Em Considerações Finais faremos um breve relato de nossas impressões durante

---

<sup>2</sup> Optamos por desenvolver a pesquisa na UME Rural Monte Cabrão, unidade de educação situada no bairro de mesmo nome, que fica às margens da Rodovia Rio Santos, sentido Bertiooga, litoral de São Paulo.

este estudo, nossas descobertas e apreensões. Encerramos nossos escritos com as Referências que foram importantes à nossa pesquisa.

## **RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, ESCOLA E NEGRITUDE**

A escola reflete o modelo social no qual está inserida, isso significa que nela estão presentes as práticas das desigualdades sociais, raciais, culturais e econômicas e os grupos que as determina. Do mesmo modo, temos nela as possibilidades para a superação das formas mais variadas de preconceito e desigualdades, principalmente porque os sujeitos que os constituem por meio dos movimentos populares, especialmente os ligados ao movimento negro, há décadas vem exigindo reparação de condição dos excluídos o direito à escolarização de qualidade e medidas de reparação.

Neste sentido, pensamos que o processo educativo pode ser uma via de acesso no resgate da pluralidade étnica, como também no resgate da autoestima de negros e de afrobrasileiros nos contextos escolares, pois a escola pode ser um ponto de encontro e de debates das imagens distorcidas, podendo ser um instrumento eficaz para diminuir e prevenir o processo de exclusão social.

Na escola, mesmo após a promulgação da Lei 10639/07 e da publicação de variados materiais que tratam do assunto, ainda notamos como as regras institucionais operam de modo simbólico e colonizado. Tais regras repercutem e legitimam outros espaços sociais que habitualmente estão de acordo com as instâncias do poder (ABRAMOVAY, 2002), assim, no cotidiano escolar é possível notarmos “*o lugar*” da criança afrobrasileira.

Portanto, o aluno negro leva grande desvantagem nesta escola, que classifica, hierarquiza e reproduz os valores da classe dominante e que, para Santos (2011, p.36), promove uma subalternização dessa população que, nos índices nacionais de educação do ensino básico, possui os menores índices de aprendizagem e os maiores índices de evasão, desta maneira, a escola como entidade voltada a inclusão social, como espaço para aprendizagens tem, historicamente, negado valores que envolvem aos afrobrasileiros em sua plenitude, provocando assim a perpetuação de espaços de desconstrução da cidadania étnica e racial.

A discriminação racial na escola pode se manifestar de diferentes maneiras, desde apelidos, piadas a fim de inferiorizar o outro até a violência física. Tais comportamentos levam ao desconforto e diminuição da autoestima do aluno negro, que resulta, para Marques (2012, p. 125) “*num sentimento de inferiorização*”.

Portanto, na escola, as relações étnico-raciais, aparecem em situação de tensão, e muitas vezes o professor deve ser o mediador desses conflitos, sendo importante o desenvolvimento de um entrelaçamento entre as relações raciais e o afeto na dimensão do fazer pedagógico. Para Santos (2011, p. 37/38) porque assegura “*ao professor o reencontro com a sua função estratégica na educação*” e porque ele pode ressignificar “*sua prática pedagógica e sua decisão sobre a sociedade que pode construir, com sujeitos que respeitem a diversidade e o direito à diferença*”.

Muito embora o espaço escolar ainda seja de exclusão e de perpetuação de racismo e preconceito, para muitos grupos, representa a única possibilidade de diminuir as desigualdades existentes. A escola, portanto, precisa repensar a estrutura, os currículos, os tempos e seus espaços uma vez que ainda hoje permanece com sua estrutura rígida e inadequada à população negra, portanto, mantém seu caráter é excludente, devendo transformar-se para que ocorra a inclusão, resultando num ambiente favorável à construção e valorização da diferença, através de um clima solidário e participativo que contribua para a superação de estigmas e preconceitos que propicie práticas inclusivas.

A educação precisa avançar na direção das práticas educativas que se comprometam com a reflexão crítica, que eduquem o sujeito na perspectiva da autonomia e do compromisso político com as lutas sociais. Desta forma a escola deve se pautar numa educação antirracista, inclusiva, democrática, livre de preconceitos. Pensar o papel da escola na perspectiva de uma educação antirracista é pensar em superar sua tendência a formar um sujeito apto a assumir seu espaço na sociedade capitalista, produtivo e submisso. Esta escola serve a uma sociedade que classifica e transforma as diferenças em desigualdades, o sujeito negro, via de regra, paga o maior preço com a sua exclusão do mercado de oportunidades, o que não cabe mais na atualidade.

Creemos que na escola atual, embora os profissionais atuem no sentido de promover práticas educativas que pretendem ser iguais para todos, paradoxalmente, acabam adotando práticas mais discriminatórias, uma vez que promovem uma homogeneização que impede o

reconhecimento da diferença, especialmente no que se refere à população afrobrasileira e, infelizmente, esta escola não é capaz de formar os sujeitos críticos e capazes de transformar a si e o mundo do seu entorno.

## **O NEGRO NO LIVRO E EM MATERIAIS DIDÁTICOS**

Os livros e materiais didáticos são adotados na perspectiva de tentar facilitar e melhorar o processo de produção intelectual, neste sentido não são ou serão inocentes uma vez que se constituem como criações históricas e manifestam tanto as grandezas quanto as feridas das sociedades que os produzem. Desta maneira, os livros produzidos especialmente para crianças promoveram muitas vezes valores essenciais a dignidade humana, mas foram também, fontes de promoção dos mais variados tipos de preconceitos e esteriótipos.

Tais mensagens ideológicas se agravam quando consideramos que as crianças encontram-se em processo de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social, e que incorporam mais facilmente as mensagens com conteúdos discriminatórios, reproduzindo, assim, os interesses da ideologia dominante, que consolidam objetivamente a suposta inferioridade de determinados grupos.

O cotidiano escolar, os livros e materiais didáticos ainda trazem a apresentação de imagens caricatas de crianças negras, bem como as metodologias aplicadas e os currículos desenvolvidos, uma vez que, via de regra, ainda que nos planos político pedagógicos das unidades escolares, estejam contidas atividades e práticas, que visem a erradicação do preconceito e do racismo nas escolas, entretanto, tais ações, muitas vezes estão apenas nos papéis e, quando dali saem, são apenas em momentos específicos, como em maio e novembro, o que nos parece servir para atender ao padrão branco dominante, já que neles percebe-se a falta de visibilidade e reconhecimento dos conteúdos que envolvem a questão negra.

Podemos dizer, então, que na atualidade, o racismo explícito é menos escancarado e mais o seu oposto, ou seja, a omissão, a falta de referenciais ao que não é branco, o racismo pelo silêncio, desta forma a escola acaba por se manter um espaço de silenciamento, de reprodução do racismo, ainda que de forma aparentemente velado.

Vivemos na sociedade e na escola um caldeirão racial e cultural, entretanto continuamos fiéis e servis a padrões estéticos culturais que cultuam o padrão branco europeu como o mais bonito, de preferência loiro de olhos azuis, herança de uma construção social decorrente de representações ideológicas que englobam crenças e valores de um grupo dominante que busca manter a ordem social ou o ideal.

Essa afirmativa é corroborada pela ideia da transmissão de uma ideologia colonizadora, com objetivos de dominar, inferiorizar, dividir, eliminar e embranquecer, perpetuando, assim, mitos e estereótipos referentes à população negra.

Creemos que a escola ainda se mantém como um meio de manutenção das desigualdades sociais pelo uso de métodos simbólicos e indiretos de coerção social, que perpetua as desigualdades sociais, como o que ainda encontramos nos materiais e livros didáticos, neste sentido, propomos uma profunda transformação nestes materiais, numa perspectiva ideológica que vá de encontro às propostas de construção de um sujeito crítico, capaz de modificar a ordem social.

Acreditamos que, da maneira em que são concebidos os materiais e livros didáticos, estes procuram reforçar a ideia de que é possível participar em todos os processos de decisão na sociedade, bastando o indivíduo querer, ideia irreal, mistificada através de uma visão individualizada da história.

O livro didático deveria contribuir para a consecução dos objetivos do ensino, entretanto, de maneira geral, omite o processo histórico-cultural, o cotidiano e as experiências dos diferentes segmentos da sociedade, como o índio, o negro, a mulher.

Ainda hoje o ambiente escolar está repleto, de uma cruel realidade, em que as diferenças étnico-culturais não são respeitadas, difundindo preconceitos e práticas racistas. Em relação ao segmento negro, sua quase total ausência nos livros e a sua rara presença de forma estereotipada, concorrem em grande parte para a fragmentação da sua identidade e autoestima. Isto significa que é possível constatar formas de discriminação ao negro, além da presença de estereótipos, que correspondem a uma espécie de rótulo utilizado para qualificar grupos étnicos, raciais ou, até mesmo, sexos diferentes, estimulando preconceitos, produzindo assim influências negativas, baixa autoestima às pessoas pertencentes ao grupo do qual foram associadas tais características distorcidas.

Desta maneira, cremos que a estrutura do livro didático precisa ser modificada, para melhor atender a prática educacional e combater qualquer tipo de discriminação. No que se refere ao papel dos profissionais da educação, Gomes (2002, p. 40) sugere que o professor precisa se debruçar sobre o exame dos livros e materiais didáticos e *“a forma como o negro é representado nele, tem que romper com a barreira do silêncio sobre a questão racial na escola”*. Deve-se educar respeitando as singularidades e pertencimento dos sujeitos, ao seu gênero, quanto ao local de moradia, e que o currículo seja significativo em seus conteúdos.

## OS LIVROS DIDÁTICOS

Optamos por fazer a análise do primeiro volume dos livros disponíveis na coleção “Novo Girassol saberes e fazeres do campo”, publicação de 2014, de responsabilidade de CARPANEDA, Isabella e BRAGANÇA, Angiolina, que conta com onze volumes organizados em *Letramento e Alfabetização, Alfabetização Matemática, Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia e Artes*. *Analisaremos a primeira parte do livro didático Novo Girassol saberes e fazeres do campo: letramento e alfabetização e alfabetização matemática, que conta com 192 páginas, tendo a primeira seção 98 páginas destinadas ao Letramento e Alfabetização, nosso foco, e as demais à Alfabetização matemática.*

*“Letramento e Alfabetização”, como chamaremos a primeira parte deste material, está organizada em quatro unidades a saber: Unidade 1. “Quem sou eu?”, com os capítulos Você é importante e Minhas cantigas de ninar. Unidade 2. “Tempo de Brincar”, com os capítulos Brinquedos e brincadeiras e Versinhos para Brincar. Unidade 3. “Jeitos de morar”, que tem os capítulos Tantas casas e A família da gente. Encerra com a Unidade 4. “Viva a natureza!”, que trata de Bichos e mais bichos e Tempo de Plantar.*

*A proposta do livro apresenta os conteúdos de maneira a aproximar os materiais ao mundo infantil, numa tentativa de partir do mais próximo para o mais distante no que se refere à aprendizagem das crianças pequenas, muito embora, em nossa análise, tenhamos notado que em seu título conste o nome “saberes e fazeres do campo”, as atividades propostas são muito semelhantes às dos livros e materiais utilizados em escolas tipicamente*



urbanas, poucas alterações notamos. As que se fazem mais presentes referem-se apenas a algumas fotografias em que aparecem crianças que, aparentemente, vivem no campo.

Ao apresentar a Unidade 1 “Quem sou eu?”, página 7, os organizadores optaram por diferentes imagens de crianças de múltiplas origens étnicas. Há crianças negras, indianas, esquimó, chinesas, indígenas e brancas. Muito embora tais imagens retratem várias crianças e seus aparentes modos de ser, é possível perceber, a partir de um simples olhar, certa ‘hierarquia’ na apresentação das fotos, iniciando com as crianças brancas, num enquadramento maior que as demais fotos, seguindo para as demais imagens, cada vez menores, terminando com a imagem de uma criança esquimó. Daí podemos inferir que, aparentemente, para os organizadores da coleção, deve haver certa importância, vantagem ou maior valor atribuído aos grupos que não sendo apresentados.

Nos parece que já nestas primeiras imagens as autoras utilizam uma linguagem e em um contexto que pode interferir negativamente na construção de identidades, imagens e autoimagens da população negra de maneira negativa, visto que estas são apresentadas de maneira hierarquizada em que as crianças brancas aparecem em primeiro plano e as demais ‘seguem atrás’. Aparentemente as autoras se utilizaram de uma construção social decorrente de representações ideológicas, que englobam crenças e valores de um grupo dominante o qual busca manter a ordem social que vivemos ainda hoje.

Ainda nesta unidade, na página 23, é feita a proposta de leitura de uma cantiga que as autoras classificam como ‘de ninar’, cantiga esta do folclore brasileiro e que reproduzimos aqui, “nana, Nenê, que a cuca vem pegar, papai foi pra roça, mamãe foi trabalhar”. A atividade traz fotos de pessoas negras, ao lado do texto da cantiga, a de um bebê que dorme, abaixo se solicita que se escreva os nomes dos personagens (negros) que aparecem na cantiga, a criança, o papai e a mamãe.

Ao analisarmos a cantiga em si, podemos perceber o que se traz nas entrelinhas, ou seja, nesta família a mãe trabalha, não se sabe onde, uma vez que ‘abandonou’ a criança, que deve dormir para não ser pega pela ‘Cuca’, e o pai, que ‘aparentemente’ não trabalha, foi “pra roça”. A Cuca é um ser imaginário muito temido pelas crianças, normalmente imaginada como monstruosa, preta, daí que, mais uma vez o estigma de que o preto, escuro, é temeroso, mal.

*Aparentemente nesta atividade, como na primeira, as relações assimétricas e as ideias e ações de um determinado grupo são mais valorizados que de outros, o que leva à construção, no plano imaginário infantil de um discurso aparentemente coerente e a favor de uma suposta unidade social. Assim, ocorre, ainda que de forma inconsciente a transmissão de uma ideologia colonizadora, dominadora e que inferioriza e, conseqüentemente, embranquece a população negra.*

*A unidade dois trata do brincar. Novamente a apresentação traz fotos de crianças, agora em situação de brincadeira. São quatro imagens que mostram as brincadeiras de amarelinha, futebol, bolinha de gude e pipa, aqui não é possível identificar com precisão a origem étnica das crianças fotografadas, dada a distância das imagens e a posição das mesmas, com exceção das imagens que retratam as brincadeiras “bolinha de gude”, com crianças indígenas e “pipa”, com um menino branco.*

Muito embora seja possível perceber a presença negra nas ilustrações da coleção, ainda há certo descuido na produção das mesmas que, muitas vezes carregam em si certos esteriótipos, neste caso, os traços da branquitude, uma vez que, ainda que as ilustrações de muitos meninos e meninas tenham a coloração negra como cor de pele, por exemplo, muitos destes trazem apenas esta característica e alguns, cabelos encaracolados, tendo seus narizes e bocas retratados com traços afinados, característicos da população branca, as meninas negras, normalmente, vem retratadas com os cabelos amarrados em ‘rabos de cavalo’.

A unidade três aborda os jeitos de morar. Em seu primeiro capítulo não há qualquer referência às famílias, as autoras apresentam diferentes tipos de moradias, humanas e animais e trata do assunto de maneira superficial. Trazem o conto “os três porquinhos” como exemplos de moradias utilizadas como proteção ao perigo, comparando casas de taipa, madeira e tijolos, mais uma vez hierarquizando as situações.

O capítulo dois desta unidade trata da família, inicia com o poema “por enquanto sou pequeno”, de Pedro Bandeira e o ilustra com a ilustração de uma família branca. Todas as ilustrações contidas neste capítulo fazem referências a famílias igualmente brancas.

Encerra o livro a unidade “viva a natureza”, e em sua apresentação, na página 72, mostra fotos de trabalhadores rurais, homens e mulheres, negros e negras, sendo esta a primeira atividade em que a participação negra na sociedade fica evidente, no restante da

unidade e, portanto, do livro, não há menção à participação negra nas atividades desenvolvidas.

Podemos notar, em todo o livro didático, que não há um olhar explícito às diferentes etnias que constituem a sociedade brasileira e a escola, o que consideramos ser uma maneira de silenciamento e de intensificação da invisibilidade da população negra e afrobrasileira. Nesse sentido, a escola pode gerar uma angústia paralisante nas crianças que passarão a não acreditar na sua potencialidade e a um processo de autoexclusão de suas características individuais e étnicas.

Acreditamos, portanto que as atividades desenvolvidas no cotidiano escolar a partir do livro didático acabam por se revelar correspondentes ao padrão eurocentrista e a criança negra acaba excluída do processo de comunicação didático, em que são negligenciados os valores referentes às matrizes africanas o que pode levar à acentuação de estigmas como o da inferioridade.

Desta maneira, cremos ser de suma importância que o professor se debruce sobre o exame dos materiais e livros didáticos e a maneira como a população negra é retratada neles, com vista a romper o silêncio sobre as questões étnico-raciais nas escolas, assim, cremos, o professor poderá buscar novos sentidos à práxis pedagógica e atuar de maneira a desconstruir os mecanismos que perpetuam diferentes maneiras de preconceito e discriminação racial no ambiente escolar, enfim, cremos ser indispensável o exame do conteúdo dos livros para que não permaneçam aí conteúdos que denotem racismo ou intolerância.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda hoje os negros aparecem, no livro didático, de maneira discriminatória e estereotipada. Assim, acreditamos que o livro didático não deva ser a única ferramenta a ser utilizada pelo professor. Diferentes abordagens e novas possibilidades devem fazer parte do contexto pedagógico escolar, como outros textos, recortes de jornais e revistas, pesquisas elaboradas pelos próprios alunos, letras de música, que podem ser usados mais frequentemente nas aulas, principalmente para contrapor o conteúdo dos livros que não estimulam a criatividade, não valorizam a opinião do aluno e que ele tenha oportunidade de

reformular ideias e desenvolver atividades inovadoras no sentido de se reconhecer, construir imagens positivas e sentir-se pertencente ao ambiente.

As ações preconceituosas atuam de maneira agressiva contra os grupos ou indivíduos que as sofrem, deixando marcas profundas nas crianças, que estão em formação, neste sentido, a inclusão do debate sobre a raça, racismo e pertencimento, vai além do necessário e obrigatório reconhecimento dos direitos humanos dos afrodescendentes e precisa funcionar com pressupostos de reparação histórica em que se reconheça as diferentes culturas e as relações que mantém entre si.

É possível perceber as marcas da invisibilidade e do racismo por meio de comentários de alunos negros em sala de aula, julgamentos de inferioridade ou incapacidade com uma forte presença de baixa autoestima. Esse aluno certamente assimila a desvalorização do negro presente no livro didático, através dos papéis que lhe são atribuídos, como por exemplo, o negro ser sempre o causador de confusões, ser o rebelde, ou até mesmo aparecer como a criança suja da história.

Portanto, cremos ser fundamental a discussão sobre a presença discriminatória ao negro difundida a partir do livro didático, faz-se necessário educar as crianças para que possam respeitar umas às outras com suas semelhanças e diferenças.

Consideramos um absurdo que o livro didático seja instrumento de perpetuação das ideologias dominantes e de imagens que incutem valores negativos a determinados grupos étnicos. Percebemos, nele, a ausência de temas como o conflito de classes, a discriminação racial, a presença de estereótipos, sendo necessária a inclusão de temas referentes ao preconceito e às diversas formas de injustiça social.

Cremos ser possível desenvolver na escola um espaço institucional em que ocorram discussões em seu currículo a respeito das diferenças, favorecendo o reconhecimento e a valorização da contribuição africana à construção e ao desenvolvimento de nossa sociedade, dando maior visibilidade aos seus conteúdos até então negados pela cultura hegemônica. Pensamos que a escola e seus profissionais possam colaborar para a implementação da lei 10639/03 em que os educadores sejam agentes facilitadores na melhoria do processo educacional e pela construção da cidadania.

Ainda hoje não há grandes debates na escola para a escolha do livro didático, o que ocorre é que um ou outro profissional emite sua opinião para a escolha, de forma aleatória,

sem uma análise prévia dos conteúdos que ele aborda. Desta forma, os livros escolhidos muitas vezes estão fora do contexto local e não refletem a pluralidade étnica e cultural onde a escola está inserida. Assim, esta acaba por contribuir para o processo de discriminação racial e exclusão do negro no contexto socioeconômico.

Acreditamos que nosso trabalho possa contribuir na escolha dos materiais e livros didáticos, propondo reflexões e uma nova organização para esta escolha, para que professores e demais profissionais da área da educação desenvolvam novos olhares, especialmente no que se refere aos afrodescendentes e a diversidade étnico-racial, uma vez que concebemos a escola como espaço privilegiado para a circulação das diferenças étnicas, investida na busca de estratégias que atendam às necessidades específicas dos alunos negros, à satisfação de suas necessidades e a busca pela autonomia e pertencimento étnico-racial.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, UNDIME, 2002.

BRASIL. LEI FEDERAL Nº 10639/2003. **História da África e dos Africanos no Currículo escolar Nacional Brasileiro**. 09 de janeiro de 2003.

BRASIL. LEI FEDERAL Nº 9394/1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 20 de dezembro de 1996.

CARPANEDA, Isabella e BRAGANÇA, Angiolina. **Novo Girassol saberes e fazeres do campo: letramento e alfabetização e alfabetização matemática, 1º ano**. 1ª edição. São Paulo: FTD, 2014.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Sumus. 2005.

GOMES, Nilma Lino et al. **Identidades e Corporeidades Negras: Reflexões sobre uma experiência de formação de professores/as para a diversidade étnico-racial**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

HENRIQUES, Ricardo. **Raça e gênero nos sistemas de ensino. Os limites das políticas universalistas de educação**. Brasília: UNESCO, 2002.

LOPES, Ana Lúcia. **A prática pedagógica e a construção de identidades. In: Educação. Africanidades. Brasil**. Brasil, Brasília: MEC/SECAD, 2006.

MARQUES, Eugênia Portela de Siqueira. **A manifestação do preconceito e da discriminação racial na trajetória dos alunos negros bolsistas do ProUni.** In: VALENTIM, Silvani dos Santos; PINHO, Vilma Aparecida de, GOMES, Nilma Lino (organizadoras). *Relaciones étnico-raciais, educação e produção do conhecimento: 10 anos do GT 21 da ANPED.* Belo Horizonte: editora Nandyala, 2012 .

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o Racismo na Escola.** Brasília: SECAD/ME, 2005.

\_\_\_\_\_. **Políticas de Ação Afirmativa em Benefício da População Negra no Brasil – Um Ponto de Vista em Defesa de Cotas.** Revista Espaço Acadêmico, ano II, nº 22, Março de 2003.

\_\_\_\_\_. (org). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial.** São Paulo: Edusp, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Anti-racismo no Brasil. Estratégias e políticas de combate à discriminação racial.** São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Roberto Carlos Oliveira dos. **Aluno negro em sala branca: representações sociais de aluno/a sobre relações étnico-raciais afetadas no contexto educativo.** Universidade do Estado da Bahia. Salvador – Bahia, 2011.

SOUZA, Andréia Lisboa de. **Cultura afro-brasileira em livros paradidáticos. In: Educação. Africanidades. Brasil.** Brasil, Brasília: MEC/SECAD, 2006.

SOUZA, Edileuza P. de. BRAGA, Maria C. da C (coord). **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD/ME, 2006.